

Individual de Rodrigo Machado, "NÔMADE"

Desde o modernismo os artistas buscam fazer uma síntese da arte, revelar sua essência e nada mais, todo o resto é secundário até mesmo a forma e a materialidade. A elaboração de conceitos plásticos é o instrumento para a manifestação desta essência. Um conceito é um programa. Podemos imaginar que os artistas são designers de conceitos, e como um bom design, um bom conceito deve ser ergonômico, ou seja, confortável tendo em vista sua forma e função (mesmo que o resultado final questione a ideia de conforto). Daí um bom conceito por via de regra precisa ser simples, robusto, fácil de usar, um conceito complexo tende a ser menos eficaz, tende a fragilidade dos pormenores. A exposição permite legitimar os conceitos, colocando-os à prova pela apreciação. É a exposição que consagra o artista, não é a arte que o faz.

Como expor conceitos de modo a obter a consagração? De acordo com o general Sun Tzu uma guerra deve ser vencida antes da batalha, um plano vitorioso deve levar a um resultado inequívoco e incontornável. Rodrigo Machado na busca de uma solução consistente, ciente do que está em jogo, elabora uma estratégia de perfil geopolítico, pela sua ambição: o plano Nômade, apresentado como tema. Os nômaes ocupam áreas de forma temporária, de acordo com as estações do ano e os recursos disponíveis em cada local. Isto tem tudo a ver com a rotina de um artista consagrado que faz exposições em toda parte, e procura esgotar a visibilidade de suas obras em cada região. Um acampamento nômade utiliza a coesão para ter força, a união dos membros é reforçada pela simplicidade de seu modo de vida, e pela aderência mimética ao meio ambiente. Os nômaes tem leis próprias, são descolados dos padrões locais, vivem à revelia das sociedades dominantes. Se todo ser humano é político por natureza, este perfil tribal usa a seguinte propaganda não verbalizada: "Somos pacíficos, mas não se metam conosco, não temos nada e perder e vamos embora um dia destes. E avisamos, podemos voltar a qualquer momento". A estratégia de defesa também tem paralelo com o general chinês "não trave uma guerra, se não houver benefício na vitória", dos nômaes não há nada para conquistar. Este esvaziamento é o que amarra a exposição do artista aos padrões queridos da arte contemporânea. Quanto mais abstrato, maiores são as possibilidades de interpretação, sendo a figuração um nível avançado de abstração.

O artista ocupa a galeria, com sua presença física, como quem diz, "eu sou uma extensão da minha arte, eu cuido disto pessoalmente". Ocupar o espaço por vários dias é sempre algo "over the top", é uma medida performática extrema, que pretende mandar um sinal. Suas monotipias e fotografias sugerem figuras de inspiração rupestre, assinalando de forma iconográfica a essência do ser humano, sobrevivência e passagem, na sua forma mais esquemática e simbólica. Como o uruguaio Joaquim Torres Garcia, não pretende valorizar a sofisticação técnica europeizante, como tantos artistas, e sim um certo primitivismo cosmopolita, neste caso desdobrado do grafite.

Uma vez perguntei ao Tadeu Chiarelli "você escreveria um texto crítico negativo para o catálogo de um artista?". Ele respondeu "não, o autor do texto coloca o próprio no nome ao lado do nome do artista". Bem, sendo assim eu poderia afirmar logo: estou com Rodrigo Machado. É um movimento de mão dupla, ele não precisava necessariamente de um texto, mas percebe a importância disto, de uma visão externa anexada ao projeto, ainda que inevitavelmente alinhada, afinal um texto não é uma auditoria independente. Sua obra recebe o investimento de colecionadores, curadores e marchands. Seu percurso, como o meu próprio e tantos outros artistas, passa pela arte e não só, ele tem um repertório profissional muito além disto, uma experiência de vida que por um lado o distancia da arte, por outro lhe confere visão alargada sobre a mesma, sabedoria sobre questões existenciais, e algo que os artistas devem ter com o público: empatia.

Ricardo Ramalho

Porto, Outubro, 2011